

RETALIAÇÃO E RECIPROCIDADE

Eugenio do Carvalho *

Artigo publicado na revista CONJUNTURA ECONÔMICA-COLUNA NEGOCIAÇÃO - PÁG. 35 em 1/11/2003

Babel localizava-se entre os rios Tigre e Eufrates, a 80 km de Bagdá. O nome, em hebraico, está associado à ideia de confusão. Como poderiam, pessoas de raças, credos e idiomas tão diversos construir uma torre? Um império não poderia ser associado ao caos. Babilônia foi o nome dado a Babel por volta de 2030 AC.

Naquela terra, cerca de 4000 anos depois, americanos, iraquianos, israelenses, palestinos e o caos convivem. Em agosto de 2003, Sérgio Vieira de Mello, diplomata, negociador a serviço da paz, é o cidadão ocidental de mais alta graduação vitimado pela insanidade desde que a invasão do Iraque começou. Em 7 de outubro, no sul do Líbano, Ali Nasser Yassine, uma criança de 5 anos, foi alvejada por um "míssil perdido". Dois brasileiros mortos em atos de retaliação.

O rei Hamurábi fortaleceu o Império Babilônico que durou mais de 1500 anos. Na época foi elaborado o primeiro código de leis escrito, que continha no seu texto um conjunto de regras para delitos e penas. Dentre as leis de talião, uma delas estabelecia que se alguém cegasse o olho de outro, o seu seria cegado: "olho por olho, dente por dente" passou a ser conhecida como a expressão da retaliação.

O presidente americano Washington formalizou, em 1776, o sonho americano com base em ideias de liberdade, equidade e respeito. A Declaração da Independência explicitava leis que enfatizavam a reciprocidade através dos direitos e deveres de cada cidadão. O Império Americano foi construído com base em liberdades e direitos individuais que sustentavam a aplicação assertiva da reciprocidade.

A retaliação, um dano ao dano recebido, significa praticar a represália ou a desforra. A reciprocidade implica na utilização de recompensas negociadas entre as partes e por elas valorizadas.

Qual o sentido da retaliação e da reciprocidade no contexto dos conflitos e das negociações?

Ao praticar a reciprocidade as partes reconhecem que convivem num contexto de interdependência. No seu estágio mais avançado, tomar a iniciativa de praticar o bem serve para incentivar a outra parte a fazê-lo, mesmo sabendo dos riscos, procura criar um ambiente afável com base em regras que favoreçam a certeza de relações. A reciprocidade sustenta-se em comportamentos altruístas e cristalinos, para fortalecer as relações entre pessoas, grupos e nações.

O ato de retaliar é impor a pena de talião com a aplicação de punição de igual ou maior intensidade. Uma das partes (pelo menos) acredita que a coerção é uma maneira eficaz

para limitar as ações conflituosas. No seu estágio mais degradante, retaliar com êxito requer a escolha de territórios obscuros, sem regras e de forma insidiosa para "pegar" a outra parte desprevenida e frágil.

A retaliação baseia-se em comportamentos egoístas e na distorção da informação que estimula ressentimentos e tende a ampliar a escalada de violência entre as partes.

As desigualdades econômicas e sociais extremas das populações têm colocado de um lado dominadores, e de outro, dominados, muitas vezes submetidos à força. O terrorista passou a ocupar, como porta voz encapuzado, o papel de algoz de xerifes opressores. Em territórios nebulosos, sem regras, o terrorismo encontra um espaço próprio onde a prática da retaliação prolifera e produz medo e pavor.

A prática da retaliação em seu extremo acaba com as regras, condiciona pessoas e as induz pela manipulação dos fatos, mente, corrompe. Que tipo de ação produz mais dano? A opressão do império ou a vingança do oprimido? As maiores vítimas de conflitos não controlados nada têm a ver com ele. O ataque às Torres Gêmeas foi um ato de retaliação. A invasão do Afeganistão foi retaliação à retaliação. As mentiras de grandes potências no Conselho de Segurança da ONU sustentaram hipocritamente a invasão do Iraque. As mortes dos filhos de Sadam foram atos de retaliação, eles eram as cartas mais valiosas do baralho e deveriam ser eliminados do jogo. "Meu filho não tinha inimigos e agora está morto. Quem paga por isso?" lamentava a mãe do menino Ali. As mortes de Sérgio Vieira de Mello e de Ali Nader Yassine foram atos de retaliação num jogo sem cartas marcadas.

A humanidade, e não o Império Americano, invasor do antigo Império Babilônico, foi alvo direto do terrorismo que vitimou, entre milhares de mártires anônimos, esses brasileiros, cidadãos do mundo. Impérios e terroristas aproximam-se nos seus extremos. Reciprocidade e retaliação confundem-se numa Babel insana.

(*) Coordenador do Curso de Formação de Negociadores da FGV/IBRE e EBAPE